

23-03-2023

P'RA QUE USAR O TAL CHATGPT?

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Já aviso que não tenho resposta para isso. E por não ter resposta, quero primeiro contar uma história para depois refletir um pouco aqui com vocês.

Até o final do ensino médio eu não era muito estudioso. Também não era muito bom em muita coisa na escola. Nada além de jogar futebol e conseguir lidar bem com raciocínio lógico matemático. Sim, eu era de exatas. Minha maior dificuldade na época era, sem dúvida alguma, escrever. Pena que naquele momento não havia uma tecnologia como o *ChatGPT* para ajudar a me destravar, se é que de fato ela pode fazer isso. Sempre que me colocava de frente a uma folha de papel em branco, com a incumbência de organizar o pensamento e me comunicar através da escrita, esse entendimento do que seja a escrita eu não possuía, era um fiasco atrás do outro. Acumulava muitas bolinhas de papel que, por vezes, dava vontade de usar para incomodar e aporrihar algum colega e fugir daquele desafio extenuante. Era muito sofrido ter que escrever sobre qualquer coisa. Esse sofrimento era tão real, tão claro, tão explícito, que colegas e professores percebiam minha batalha interna para colocar qualquer coisa nas folhas à minha frente. Em diversos momentos antes de chegar ao ensino médio eu simplesmente desistia. Abandonava a luta e ia fazer qualquer outra coisa, especialmente, desenhar, ou melhor, fazer alguns rabiscos sem sentido, que em nada evoluíram enquanto técnica e que, também, logo eram deixados de lado. Se pudesse, eu ia direto para a quadra de esportes, jogar futebol, correr, jogar vôlei, basquete, enfim, qualquer coisa que me tirasse daquele lugar incômodo e dolorido. Essa história remonta aos gloriosos anos noventa, década em que o Brasil se tornara tetracampeão mundial de futebol, meu Coringão se sagrara tricampeão brasileiro, com elenco recheado de craques que o levariam ao campeonato mundial de 2000.

A seleção brasileira seguia forte e perdera a copa do mundo em 1998 por uma intercorrência com o craque do time antes do jogo. Ronaldo fenômeno abatido, derrota vexatória para a França, com Zizou inspirado. Mas, na Copa seguinte, chegamos ao penta. E nisso tudo eu, garoto da periferia, filho da classe trabalhadora, ia à escola apenas para cumprir o protocolo. De lá saía às pressas, louco para jogar futebol na rua de casa ou na quadra do Setor Oeste, bairro onde morava em Trindade/GO. Minha mãe dizia: *Você precisa terminar seus estudos. Precisa se formar. Sem estudo ninguém arruma emprego que preste hoje em dia.* Contraditoriamente eu sigo estudando e descobri que os estudos não precisam ser terminados. Até porque nunca estamos devidamente prontos - formados - para nada. E concluir as etapas de estudos, às que minha mãe se referia - Ensino Básico -, não me levariam muito longe ou muito além de onde já estava. Comecei a trabalhar aos 9 anos. Orgulhoso como poucos, pegava a caixa de madeira pintada de verde e branco - tais cores ainda não me incomodavam. Poucos anos depois, eu mesmo daria jeito nisso, e o verde e branco cederia lugar ao alvinegro. Saía pelas ruas de Trindade: *Quer que engraxe aí, moço? Deixa eu dar uma limpadinha aí, o Sr. vai ver o tanto que vai ficar mais bonito.* Com 12 anos já conseguia pagar minhas continhas, comprar minha própria bicicleta, pagar para meus irmãos mais novos irem ao parque, ajudar em alguma besteira em casa. Acho que exatamente por isso não levava a escola muito a sério. Lia muito pouco e, quando lia, era alguma história em quadrinhos. Pegava emprestado de um vizinho que, por morar numa casa grande no bairro e ter muitos brinquedos,

livros e estudar em escola particular, a gente achava que era rico. Tanto que nem lembro o nome do garoto. Eu e meus irmãos o chamávamos de riquinho. Escrever, voltando ao que me trouxe a esse texto, caro leitor, estava muito além do meu alcance - os colegas da minha idade, entenderão a referência.

E não me importava muito com isso. Eu era bom de bola. Jogava no time da escola, fazia escolinha de futebol no Trindade Atlético Clube - o Tacão -, jogava bem nas ruas do bairro, na quadra do setor oeste, no campo de terra do Guarujá, no campão da Redenção, do Laguna, enfim, esse era meu lance.

Além disso, já era um cara trabalhador, ajudava até na compra de uma mistura em momentos mais difíceis. Estudar p'ra quê?

Essa minha história de distanciamento dos estudos só começaria a mudar em 2001, já com 16 para 17 anos. Trabalhava bastante e o dinheiro era sempre pouco, pois as demandas aumentavam. Já tinha sofrido duas grandes desilusões com o futebol. Mesmo aprovado em peneiras no *Atlético Clube Goianiense* e no *Goiás Esporte Clube*, com 14 e 15 anos respectivamente, não tive apoio financeiro para seguir lutando por esse sonho. Logo a coisa ficou muito clara. Não dava para ser jogador de futebol e eu não queria seguir ralando no pesado e ganhando pouco. Pensei, então: *agora só me resta estudar.*

Mas como fazer isso? Como estudar, fazer vestibular - e olha que eu tinha acabado de ser apresentado a esse conceito na escola. Antes do ensino médio não tinha qualquer referência de estudos de nível superior e nem sabia que tinha que passar por um martírio para isso. *Fazer uma faculdade? Como seguir tal caminho se eu lia pouco e mal e escrevia menos ainda, sendo mais específico, não escrevia nada.* Uma professora de português muito talentosa, com bom trato com os alunos, começou a me mostrar formas de me organizar melhor para escrever. Glauceire o nome dela. Foi minha professora no 1º e 2º ano do ensino médio. Ela me ajudou a fazer rascunhos, a separar as ideias a serem desenvolvidas, a estruturar os textos em parágrafos, me incentivava a ler mais e buscar referências para elaborar melhores textos e me desafiava a escrever. De maneira singela e afetuosa ela sempre dizia: *Eu sei que você consegue. Você precisa acreditar mais no seu potencial. Você fala bem. Só precisa aprender a se comunicar bem também por meio da escrita.*

Glauceire usou a atenção, o afeto, o zelo, como artifícios para fazer muitos alunos que, como eu, chegam ao final do ensino médio como verdadeiros analfabetos funcionais, a ler e a escrever. Graças a suas abordagens pedagógicas e práticas de ensino, consegui aprender o básico para avançar à próxima etapa e fazer uma faculdade. Conte toda essa história apenas para contribuir com o debate que tomou conta do Dona Alzira nos últimos dias.

Afinal, uma tecnologia como o *ChatGPT*, uma *Inteligência Artificial* que elabora textos a partir das solicitações de quem a utiliza, ajudaria (ou não) um estudante de ensino médio como eu fui, da classe trabalhadora, periférico, de escola pública, analfabeto funcional, a aprender a escrever? Antes de mais nada precisamos pensar se eu teria acesso a ela. Estudantes de hoje em situações similares, com as mesmas condições de classe e realidade socioeconômica, ainda não acessam de maneira regular a internet. Quando o fazem, são para interagir com o mundo virtual via redes sociais. Se tivessem acesso regular e tranquilo, em que medida o contato com o *ChatGPT* seria benéfico? Ajudaria (ou não) no seu desenvolvimento enquanto leitor e escritor autônomo? Antes de acrescentar elementos que ajudem a aprofundar minha reflexão, já afirmo que sou partidário do posicionamento do João Henrique Stacciarini, de que precisamos aprender a lidar com a tecnologia.

Esse aplicativo é apenas mais uma criação revolucionária da ciência, como muitas outras no passado - rádio, energia elétrica, televisão, internet, smartphone, etc. Destaco ainda que entendo as preocupações do Rodrigo Emídio quanto à originalidade, autenticidade e profundidade de conteúdos

a partir de tais ferramentas. Todavia, como bom libriano acho legal brincar com as generalizações que nos são colocadas por aí a partir da astrologia - diplomático, articulador ou, como muitos preferem, indeciso e sem atitude - apresento aqui o caminho do meio. Convido os leitores a encararem de frente o mundo em que vivemos. As tecnologias são renovadas constantemente e em velocidade assustadora. Nossos jovens já vivem imersos na informação, dados, signos, tags, enfim, ao mundo tecnológico via mídias sociais como jamais imaginávamos nos citados anos 1990. Com ou sem *ChatGPT*, eles encontram na internet e na tecnologia - os que têm acesso regularmente - meios que ajudam e que atrapalham o seu próprio desenvolvimento intelectual. Todavia, nem todos utilizarão para sempre esses recursos de maneira errada, burlesca e prejudicial. Assim como poucos conseguem usar apenas a parte boa e que pode ser útil. O que quis acrescentar com esse texto que, apesar de ainda reproduzir vários vícios de linguagem, de vez ou outra fugir do padrão da norma culta, ou machucar a gramática, já pode ser colocado como uma vitória resultante do trabalho da Profª Glauceire. Sim, professora.....

... é possível lidar com todo tipo de complexidade que nos for colocada. Digo isso porque, com ou sem *ChatGPT*, com ou sem televisão, internet, smartphone, ou qualquer outro aparato tecnológico, sem Glauceires e Joãos e Rodrigues e Renatas, sem pessoas que inspirem, que demonstrem afeto e cuidem das necessidades dos estudantes, os problemas enfrentados serão sempre mais árduos. Esse mesmo raciocínio serve para o ensino superior e para a pós-graduação. Com ou sem *ChatGPT*, o que fará diferença são pessoas como o Prof. Eguimar, a Profª Rosangela, o Fadel, o Thiago, a Daisy, o Ricardo, enfim, pessoas que nos inspirem a encarar as mudanças sempre a partir de princípios éticos e com olhar humano, solidário, visando a transformação social. E, para finalizar essa crônica, já aviso. Vou falar aqui com o João Henrique para me ajudar a corrigir esse texto usando o *ChatGPT*. Apesar de não confiar nele (o chat) para escrever por mim, não confio 100% na minha capacidade de acerto gramatical e ortográfica. Dessa forma, que a tecnologia me ajude, a partir da solidariedade do João de nos apresentar a ferramenta de maneira respeitosa, educada, solidária e humana. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*